

Biblioteca Centro de Memoria - UNICAMP



CMUHE030282

AURORA CAMPINEIRA.

ASSIGNATURAS.

Campinas.

Por anno... 10000

Por semestre 6000

Publica-se uma vez na semana, subscreve-se na Typ. Campineira, Rua do Portico n. 17

As assignaturas serão pagas adiantadas, recebem-se correspondencias em termos comedidos, e com a competente responsabilidade e reconhecimento do tabelião, porque por seu conteúdo não respondem a redacção, nem os editores; nas noticias e comunicados, é essencial a assignatura do informante, só para conhecimento da redacção.

Folha avulsa 240.

ASSIGNATURAS

Para fóra.

Por anno... 12000

Por semestre 7000

ANNO II.

CAMPINAS — SABBADO 13 DE AGOSTO DE 1858.

N. 63

A QUESTÃO BANCARIA.

Haverá um anno um homem emprestou a outro cem moedas de 20000 ou 2 contos de reis, pelo prazo de 12 mezes ao premio de 1 por 0/0 ao mez.

Findo o prazo, o devedor foi pontualmente pagar a dous contos, e mais duzentos e quarenta mil reis que erão o premio; pagou na mesma moeda, mas em vez de dar 112 moedas, deu somente 99 e mais uns 12500: nem as 100 que tinha recebido!

—Mas por que? Porque o ouro tinha um premio: uma moeda de 20000 valia 22500.

—Isso quer dizer que, ha um anno, quem possuia 20 contos em papel, possuia 20 contos em ouro, e que agora só possuia 17:500:000 em ouro, e que a sua fortuna mingouo 2:500:000, por que, enfim, o papel só vale o ouro que dá por elle.

Quer dizer tambem que o capitalista se tivesse tido maior previdencia, em vez de emprestar seu ouro, o teria guardado em seu cofre, por que ao menos assim não teria perdido, nem corrido o risco do emprestimo.

—Isso quer dizer que, se se preverem as cousas, ha de ter convindo aos capitalistas trocar seu papel por ouro em quanto as duas especies estavão ao par e guardar este em vez de empresta-lo.

Quer dizer que muitos especuladores previdentes havião de assim ter feito, donde o desaparecimento repentino do ouro da circulação.

Quer dizer, enfim, que, assim como o emprestador das 100 moedas, todos os capitalistas que não guardarão o ouro, perderão no papel os 12 1/2 por 0/0 da sua fortuna.

—E quem seria o magico, que sem arrombar portas e gavetas, sem correr os azaros do tadrão, pôde espolar a gente de uma parte da sua fortuna?

Quom? O agiota, o especulador dos bancos.

—Ainda bem, se com a espoliação do capitalista se nivelassem as fortunas, e todos ficassem igualmente ricos; mas, pelo contrario, o homem que vive dia por dia do seu trabalho tambem perde, por que paga tudo em ouro, ou de o equivalente em maior somma do papel, em quanto o seu jornal em papel não augmenta. Por isso dá um cruzado pela chita e pelo algodão que custavão outrora uma pataca. Se d'antes vivia na estreiteza, agora que tudo encareceu, vive na necessidade.

O unico que lucra é o agiota, que, tendo pouco ou nada de seu, fica milbenario ganhando neste jogo do credito publico. Os 12 1/2 por 0/0 de fortuna publica passa para a sua gaveta, e para a dos bancos, roteiros e dos caloteiros. Entre alguns são elles distribuidos, menos entre seus legitimos donos.

—Mas, por que arte os especuladores dos bancos chegarão a este resultado de espoliação universal no Brazil?

Elles disserão: nos temos accões d'estradas de ferro, do Banco do Brazil, e de outras companhias; temos terras; tudo isto é ouro, por que ouro vale. Façamos um banco com estes fundos, cunhemos papel representando estes valores, e emitámos o triplo delles. De um que temos, façamos tres. Ganharemos os dividendos do Banco do Brazil e das estradas de ferro, equivalentes a um, e ganharemos tambem o dividendo do banco onde depositamos estes valores, ganho equivalente a dous. E os que tem terras ganharão um roteando ellas, e ganharão dous que é o premio do dinheiro recebido para hypoteca dellas.

Só faltava dizer: com o papel do banco que fundamos, fazemos um fundo para criação de outro banco, que emitta o triplo do seu deposito, e assim multiplicaremos estes valores quantas vezes nos aprouver, e com elles crescerá immensamente a fortuna publica sem que a terra produza uma só libra de café, de assucar, de algodão, ou de fumo mais que o acostumado...

Diário do Povo 4.4.58

A 4 de abril de 1858 vinha à luz o exemplar n. 1 de «A Aurora Campineira», o primeiro jornal desta cidade, fundado pelos Irmãos Teodoro. Na gravura, «fac simile» de uma das edições desse periódico, que assinalou o aparecimento da imprensa em Campinas, cujo centenário hoje transcorre. Na ultima página publicamos o programa das comemorações que serão realizadas amanhã nesta cidade